

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga igreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 5

SUMMARIO

Monographia da Sé de Lisboa, pelo socio Abbad Antonio Damaso de Castro e Sousa, pag. 65. — *Biographia do architecto Mr. Charles Garnier*, pelo socio J. P. N. da Silva, pag. 68. — *Apointamentos Archeologicos, Medobriga* (continuado de pag. 46), pelo socio correspondente Dr. R. de Gusmão, pag. 70. — *Archeologia — La Basilique de Bethléem*, pelo socio correspondente Mr. A. De Marsy, pag. 71. — *As thermas romanas em Portugal*, pelo socio J. P. N. da Silva, pag. 75. — *Legenda da planta ichnographica das Caldas das Taipas*, pelo socio correspondente Augusto Cezario Pinto, pag. 76. — *Epigraphia, Inscripção Hebraica do extincto convento de Monchique*, e sua versão, adquerida pelo socio J. P. N. da Silva, pag. 77. — *Chronica, Mercê da Ordem de merito scientifico e artistico* ao architecto Sr. Lucas José dos Santos Pereira, pag. 79. — *Regresso á Europa* do distincto architecto e archeologo, Mr. Wood, pag. 79. — *Informações a respeito da extraordinaria grandeza do novo edificio da Grande Opera de Pariz*, pag. 80. — *Exploração das pedreiras de Portugal e seu rendimento*, pag. 80. — *Escola nova para trabalhos de mosaico em França*, pag. 80. — *Concurso para um museu em S. Petersburg*, pag. 80. — *Monumento erigido na cidade de Venezuela* (America), pag. 80. — *Novo theatro de Opera em Londres*, pag. 80. — *Estatua em memoria do celebre archeologo Mr. A. de Caumont*, pag. 80. — *Generosa remuneração* destinada pela rainha de Inglaterra, ao distincto architecto Mr. Wood, pelas suas descobertas archeologicas, na Syria, pag. 80.

MONOGRAPHIA

DA

EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE LISBOA

PELO SOCIO

O ABBAD ANTONIO DAMASO DE CASTRO E SOUSA

São varias e mui diversas as opiniões quanto á origem da sé de Lisboa. Uns adduzem argumentos para negar a sua antiguidade; outros a fazem mesquita de mouros, outros finalmente, a querem nada menos que templo da gentilidade, consagrado ao sol.

Fundam-se os primeiros na memoria escripta pelo mestre Estevão, chantre da sé de Lisboa, em tempo de D. Afonso Henriques, que trata da trasladação do corpo de S. Vicente Martyr; e em outras razões, as mais d'ellas desmentidas pelos factos, que ali encontramos. Os que a fazem mesquita de mouros tambem allegam suas provas, e raciocinios; e os que pretendem que fosse templo de pagãos estribam-se em fortissimas conjecturas, como por exemplo: 1.º, o achado de inscripções romanas, copiadas pelo abbad Corrêa da Serra, e que o conego Cruz, encarregado da reedificação, de-

pois do terremoto de 1755, fez metter no cimento das paredes, a ponto de as não poder cotejar de novo com a copia o mesmo abbad; 2.º, o dizer de antigos auctores, de que havia um templo, proximo ao Tejo, consagrado ao sol; 3.º, a serpente, que lhe cercava o zimbório, como se lê na *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade, e que talvez symbolisasse a serpente Phiton; 4.º, o facto, que vem corroborar este, das columnas lateraes da porta principal, ainda hoje ali existentes, e dos capiteis, sem caracter algum do culto do Islam, ou do Christianismo, pôde ser que denote os signos do anno; pois que em uma, das que ficam á esquerda de quem entra, se observa a figura de uma mulher, sentada, como se pinta a Europa, sobre um touro, symbolo do mez de abril; estas columnas tinham por ventura relação com o zimbório em que se via a serpente, que rematava todo o edificio; 5.º, finalmente, o subterraneo sobre que se levanta o mesmo edificio, e que foi descoberto pelo terremoto de 1755, quando desabou a torre meridional, e se affirmou não se lhe descobrir fim. Elle estava então intacto, e mostrava ter merecido certa consideração, fosse qual fosse o uso a que o tivessem destinado.

Cortando por tudo os reedificadores cuidaram de entulhal-o, mas debalde.

Consta que o reitor, que então era da sé, fizera d'isto assento, no livro de suas memorias.

Os que impugnarem estes fundamentos, sem comtudo darem por apocryphas as auctoridades citadas, ou as suas asserções (a estes ultimos não ha responder), poderão objectar: Que as inscrições romanas bem poderiam dar-se em lapidas transferidas para ali de outros edificios; que o templo do sol, proximo ao Tejo, em que fallam escriptores coevos, seria mais depressa o que havia no Cabo da Roca, em baixo, junto á rocha; do qual ainda em tempo de André de Resende, existiam as ruinas dos cippos com letreiros; que a respeito do zimborio tanto poderia significar a serpente Phiton, como qualquer outra, ou servir meramente de ornato, como capricho de architectura gothica. O mesmo argumento serve, quanto ao facto perduravel das columnas, para o capitel da mulher e o touro, além do que, o numero das mesmas é inferior aos dos doze signos.

Mas quando effectivamente os denotassem, quem assegura que não foram deslocadas e trazidas do templo do Cabo da Roca, pelos arabes, ou pelos seus vencedores? A final não ha mais rasão para crer que o subterraneo fosse antes pertença do templo de gentios, do que da mesquita, ou da igreja, visto que d'elle se não refere algum indicio peculiar, e caracteristico.

Sem nos mettermos a decidir em ponto tão controvertido, julgamos, porém, que se poderia perguntar: — Serão tambem as inscrições romanas licenças e devaneios de gothica architectura?

Seria moralmente possivel que os sectarios de Mahomet, ou os portuguezes de Afonso Henriques lançassem mão, para as suas edificações religiosas, de pedras contendo inscrições, e symbolos evidentemente gentilicos? Se disserem que pela mesma rasão os não deviam ter conservado, responde-se que vae grande differença, de construir desde os alicerces a aproveitar o que já estava feito: como se observa em Santa Sophia de Constantinopla, hoje tornadã mesquita de turcos, e em tantas mesquitas purificadas e sagradas em cathedraes, e matrizes, depois de ganhadas em cinco mil batalhas, que tantas custou a libertar do jugo sarraceno a Peninsula Hispanica! — Acaso implica com a existencia do templo do Cabo da Roca, mais proximo ao mar do que ao Tejo, a existencia de outro templo, situado quasi á beira d'este rio? Ácerca da significação e destino da serpente do zimborio, do capitel da columna e do subterraneo de toda a fabrica, duvidar não é destruir. Vós dizeis que não denotava? pois nós insistimos em que denotava.

Quando as rasões são eguaes tanto vale a auctoridade, que nega, como a que affirma: assim, em um semelhante, quanto a dialectica, argumenta Mr. de Montesquieu, no *Espirito das Leis*. — E se o numero das columnas não condiz com o dos signos, não poderia cada uma d'ellas conter mais symbolos do que o pertencente a um mez? ou fora impossivel que algumas

se inutilisassem, e destruíssem pela diuturnidade dos tempos, depois de tantas vicissitudes, não esquecendo o terremoto de 1755? — Se da porção que se descobriu do subterraneo se não refere nenhum signal privativo, quem sabe o que lá para diante se acharia, a não ser a incuria dos descobridores? — E dado mesmo que fossem mouros, ou christãos, os architectos do que hoje vemos na sé, repugna por ventura á rasão o ser aquella concavidade o templo primitivo, depois soterrado pelo crescimento do terreno, ou qualquer accidente, como está acontecendo na igreja de S. Pedro, em Roma, S. Thiago em Compostella e na Lapa de Belem? Todavia limitamo-nos a dizer com Voltaire: «Je ne donne pas mon avis comme bon, mais seulement comme mien.»

Este edificio, nos annos de 1344, 1356, 1373 e 1355, soffreu mudanças na sua primitiva architectura, a qual externamente é grosseira, pertencendo áquelle estylo mixto e depravado, a que chamam bizantino.

Quanto ao frontispicio principal do antigo templo, vê-se pela estampa que vem na obra: *La Galerie Agréable du Monde*, tom. 1.º, que as torres eram compostas de corpos que terminavam em altos coruchéos. As que actualmente adornam a fachada, é provavel que fossem erguidas no anno 1373 por el-rei D. Fernando I.

São tres as opiniões ácerca da antiguidade.

1.ª Que a mandára construir o imperador Constantino, quando deu paz aos christãos, no anno 313.

2.ª Que fôra mesquita dos arabes, os quaes invadiram as Hespanhas no anno 713: os naturaes começaram logo a guerreal-os, proclamando rei ao infante D. Pellaio, em 717.

3.ª Ultima opinião (se não houve mais) que fôra o templo do sol e da lua. Templo do sol e da lua não consta de outro senão em Cintra.

A verdade é que o rei D. Afonso Henriques, apenas conquistou Lisboa, lhe deu por bispo o inglez D. Gilberto, e cuidou logo na fundação da sua sé. Isto se prova com os auctores allegados por Fr. Apolinario da Conceição, no capitulo 8.º, pag. 39 a 50 e §§ 65 a 68 da *Demonstração Historica da Primeira e Real Parochia de Lisboa*; e com o que diz João Baptista de Castro a pag. 334 e 335 do tomo 3.º do *Mappa de Portugal*.

O Dr. João Pedro Ribeiro, o mais erudito paleographo, e antiquario de Portugal, no tomo 2.º das *Dissertações chronologicas e criticas*, pag. 14, transcreve a inscrição lapidar existente ao lado direito da entrada da sé, interpretando a sua verdadeira intelligencia, em a nota C: — «Esta inscrição por ser escripta em letra alleman ou manachal maiuscula, não pode ser «mais antiga do que o reinado do senhor D. Afonso III, «segundo as minhas observações.»

E a pag. 116, tornando a fallar da mesma inscrição, a respeito da forma com que se acha exprimida a sua data, declara novamente «por ser em letra alleman

maiuscula não pode ser mais antiga, que o reinado do senhor infante D. Affonso III.»

Esta affirmativa de pessoa tão competente como o Dr. João Pedro Ribeiro, dá logar a poder suppor-se que sendo D. Affonso III o primeiro rei portuguez que fixou a sua residencia em Lisboa, e n'ella edificou os seus paços junto do Castello, freguezia de S. Bartholomeu, sendo talvez uma sé mesquinha, ou arruinada pelo decurso dos annos, mandasse erigir novo templo, de melhor e mais rica architectura, fazendo-lhe então collocar a referida inscripção.

E tambem que, para defender as suas obras e a cidade, procedesse a fortificar-a, visto que no archivo da Torre do Tombo existem documentos relativos á fortificação de Lisboa por este nobre rei, mediante fortissimos muros e torres com as seguintes portas: — 1.º Porta da Alfama, cujo muro vinha do Castello á rua do Milagre de Santo Antonio, onde ellas eram, descia pela calçada de S. Crispim á Porta de ferro, ou Arco da Consolação, em frente da sé ás Portas de Mar, ou Postigo da rua das Canastras, Arco de Jesus defronte do Caes de Santarem, Postigo do Conde de Linhares, um pouco mais adiante, Porta de Chafariz do Rei, ou Arco das Moscas, Portas d'Alfama, ou de S. Pedro, cujo muro sobe ainda pelo lado esquerdo da ingreme e dilatada rua ou calçada da Adiça, até ás Portas do Sol, junto da Igreja de S. Braz, ou Santa Luzia, da Ordem de Malta, e d'aqui partia o dito muro a unir-se com o do Castello junto á porta de D. Fradique. A Porta de S. Jorge é a principal do Castello, e a de D. Fradique pegava com o Pateo do mesmo nome. A Porta de Moniz e a Traição fazem frente para o Largo da Graça. Todas estas quatro portas pertencem á primitiva fundação do Castello.

O edificio da sé de Lisboa tem soffrido grandes desastres, cujos reparos o transformaram totalmente, e ninguém poderá ajuizar mal da sua antiga architectura.

No anno de 1344, houve um violento terremoto em Lisboa, que destruiu a sua capella-mór, mandada fabricar por el-rei D. Affonso IV. D'aqui se vê que a dita capella-mór tivera anterior ruina, que o mesmo rei fizera reparar. Seria esta causada pelos tres fortes tremores do dia 9 de Dezembro de 1320?

Em 14 de Agosto de 1356, tremeu a terra em todo Portugal por espaço d'um quarto de hora, tão fortemente, que os sinos se tangeram por si mesmo, e abriu-se d'alto abaixo a capella-mór da sé de Lisboa.

El-rei D. João I fez de novo a dita capella-mór por causa d'um raio que sobre ella caiu, e a deixou toda arruinada.

Houve em Lisboa tão horrivel tempestade de chuva e vento tão tempestuoso, que atirou com as portas da sé pela igreja dentro, em 23 de fevereiro de 1370.

Finalmente o espantoso terremoto de 1 de Novembro de 1755, e o fogo a elle consecutivo, quasi que a destroçou, pois com o seu impulso extraordinario caiu

a cupula e fabrica exterior do zimbório sobre a nave do meio da egreja, e rompendo-lhe a sua fortissima abobada, veiu descançar no plano da referida nave.

Ao mesmo tempo caiu o paço dos arcebispos, com a torre da parte do mar, em que estava o relógio, o qual com alguns sinos se fez em pedaços. Este relógio, o primeiro que houve em Portugal, foi mandado collocar n'esta torre por el-rei D. Fernando I. Daremos a curiosa inscripção do sino d'elle como traz Bento Morganto, no seu Anonymo.

Escapou a torre do lado da terra. D'esta foi precipitado, em 6 de Dezembro de 1383, D. Martinho Annes Castelhana, natural de Camora, bispo de Lisboa, e cardeal eleito, com Gonçalves Vasques, D. Prior de Guimarães, e um tabellião do Algarve, que se tinham acolhido a ella para impedirem que os sinos se tangessem em favor do Mestre d'Aviz, D. João I.

Aos lados do sino grande d'esta torre ha dois brações d'armas, em pedra, n'um d'elles uma arvore, e no outro uma roda de navalhas. Nos continuados reparos d'esta, só foram aproveitadas pedras das suas mesmas ruinas, motivo por que vemos embebidas nas paredes exteriores, entre o segundo e terceiro gigantes do lado da terra, algumas pedras soltas e carcomidas com letras iniciaes, avulsas, e tres ou quatro inscripções de letra antiga, assim como figuras de animaes quadrupedes, com enfeites á similhaça de caudas de pavões.

A porta travessa que lhe fica debaixo, parece obra do seculo XVII, pela sua fôrma, e que fôra mettida n'uma das grandes janellas como a da capella de S. Bartholomeu Joannes, que lhe fica contigua.

Dos reparos posteriores ao terremoto de 1755, concluidos em 1786, resultou ficar a capella-mór acanhada, e sem nada conservar do antigo. As columnas da egreja, de pedra enroscada e delgadas, como algumas se partiram, cobriram todas de estuque, e ficaram mui grossas, e desengraçadas. No claustro se vêem as ruinas da antiga capella-mór, e por estas se ajuizará da magestade da egreja.

Reliquias que se veneram na sé. — Contando-se a el-rei D. Affonso Henriques que no Promontorio sacro jaziam os despojos mortaes do levita S. Vicente de Huesca, reino de Aragão, martyr em Valencia aos 22 de Janeiro de 303, os mandou conduzir em triumpho para Lisboa, dando-lhe honroso logar na capella-mór, em 15 de Setembro de 1173. E porque em o navio que conduzia as ditas reliquias vieram dois corvos, um na pôpa e outro na prôa, tomou Lisboa por armas um navio com dois corvos, um á pôpa e outro á prôa. Em memoria d'este caso se conservaram desde então dois corvos vivos na sé; e o santo foi declarado Padroeiro de Lisboa e do Algarve.

Bispos e Arcebispos de Lisboa

O primeiro bispo de que ha certeza foi Paulo, que

subscreeveu o Concilio 3.º de Toledo, celebrado no anno de 589.

De alguns antecessores fazem menção, começando por S. Mansos, discipulo de Christo; assim como lhe dão successores. Mas Antonio Pereira de Figueiredo, na *Lusitania Sacra*, affirma que desde 693 até ao anno de 1147 não houvera bispos em Lisboa.

D. Gilberto, inglez de nação, foi quem D. Affonso Henriques elegeu bispo, no sobredito anno de 1147.

A sé de Lisboa foi elevada a arcebispado metropolitano por bulla do Papa Bonifacio IX, de 13 de Novembro de 1394 em instancias d'el-rei D. João I.

Entre os seus bispos e arcebispos contam-se pessoas de virtudes, lettras, e nascimento illustre. Daremos noticia das mais notaveis.

O bispo D. Agapito Colona morreu cardeal da Santa Igreja Romana.

D. Gonçalo Pereira, bispo de Lisboa, e arcebispo de Braga, tornou-se, por seu neto em varonia, o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, ascendente de todos os monarchas e potentados da Europa; porque D. Brites Pereira d'Alvim, filha herdeira do condestavel, casou com D. Affonso, 1.º duque de Bragança. Nasceu d'este matrimonio D. Izabel, que casou com o infante D. João, filho d'el-rei D. João I; foram paes de D. Izabel I, a Catholica, ramha herdeira de Castella, mulher de D. Fernando II, rei de Leão. Estes por sua filha herdeira D. Joanna, a Louca, que casou com Philippe, o Formoso, archiduque d'Austria, eram avós do imperador Carlos V que deu leis ao mundo.

Este mesmo imperador recebeu por mulher a nossa infanta D. Isabel, filha d'el-rei D. Manuel e da rainha D. Maria, irmã de D. Joanna, a Louca, por onde o sangue do condestavel tornou por differentes linhas a girar nas veias das mais illustres familias.

D. João Esteves d'Azambuja, arcebispo de Lisboa, e Cardeal da Santa Igreja Romana, prestou muitos serviços a el-rei D. João I.

D. Pedro de Noronha, arcebispo de Lisboa, por seu pae D. Affonso conde de Gijou e de Noronha, era neto de Henrique II, rei de Castella, e por sua mãe D. Izabel, foi neto d'el-rei D. Fernando de Portugal.

D. Jayme, filho do infante D. Pedro e neto d'el-rei D. João I, arcebispo de Lisboa, cardeal da Santa Igreja Romana.

D. Jorge da Costa, arcebispo de Lisboa, conselheiro intimo, e grande privado d'el-rei D. Affonso V, cardeal Deão da Santa Igreja Romana; em tres eleições poucos votos lhe faltaram para subir ao Pontificado.

D. Affonso, filho d'el-rei D. Manuel, arcebispo e cardeal fazia na sua sé as vezes de cura.

Baptisava, ensinava a doutrina christã aos meninos, confessava, levava o Viatico e ungia os moribundos.

Mandou que na sua diocese houvesse *Livros de assentos dos Baptisados, Casamentos e Obitos*, cousa até ali não usada.

D. Henrique, cardeal rei.

Por sua morte se ficou cantando por todo o reino: *Viva El-Rei D. Henrique — nos infernos por muitos annos — pois deixou em testamento — Portugal aos Castelhanos.*

D. Jorge d'Almeida, arcebispo inquisidor geral. Foi um dos governadores eleitos pelo cardeal rei para lhe nomearem successor, e só elle com o seu collega D. João Tello de Menezes se não venderam a Castella.

D. João Manuel, arcebispo e vice-rei de Portugal por Filipe IV.

D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, homem de muito saber. Concorreu de coração para a salvação da patria em 1640.

D. Luiz de Souza, arcebispo cardeal. Instituiu o Jubileu do Lausperenne repartido pelas igrejas de Lisboa.

D. João de Souza, ultimo arcebispo de Lisboa, morreu eleito cardeal da Santa Igreja Romana.

Noticia de algumas pessoas sepultadas na sé de Lisboa

Na capella-mór, em elegante mausoléo, el-rei D. Affonso IV, com sua neta a infanta D. Beatriz, filha de D. Pedro IV, rei de Aragão, e D. Leonor, sua mulher.

Tambem com ella jaz D. Branca.

No outro tumulo que lhe fica fronteiro, jaz a rainha D. Beatriz, filha de D. Sancho, o Bravo, rei de Castella.

Pedro Affonso, outro filho bastardo d'el-rei D. Diniz.

Lopo Fernandes Pacheco, progenitor dos duques de Escolona, d'Ossuna, e de outros titulares de Castella.

Bartholomeu Joannes, compadre d'el-rei D. Affonso IV, instituidor de capella e hospital.

D. Garcia Foyar, senhora da Ribeira de D. Garcia junto a Sacavem, mãe do conde de Barcellos D. Pedro, filho d'el-rei D. Diniz, auctor do *Nobiliario*, e do *Livro das Cantigas*, o qual instituiu capella e hospital.

Antonio Tavares de Tavora, conego da sé, homem fidalgo, que soffreu terriveis penalidades porque em 1600 foi a Veneza cumprimentar o apparecido rei D. Sebastião, que tanto deu que fallar. Era elle um calabrez de nação, chamado Marco Tullio, natural da villa de Taverna, e casado em Messina com Paula de Tiento. (Morreu nas galés o tal rei).

(Continua)

BIOGRAPHIA

O architecto João Luiz Carlos GARNIER nasceu em Paris em 6 de novembro de 1825. Depois de ter estudado o desenho, e de se ter distinguido bastante nas

mathematicas, entrou para a escola das Bellas-Artes de Paris em 1842 para seguir os estudos de architectura civil, alcançando o primeiro premio — de ser durante cinco annos pensionista do Estado nos paizes estrangeiros — quando contava apenas vinte e tres annos!

No decurso de seus estudos em Roma, Napoles e na Grecia enviou, como pensionista, trabalhos sobre o *Forum de Trajano*; o *Templo de Vesta*; o *Templo de Jupiter Sérapis*; a restauração polychromo do *Templo de Jupiter* na ilha d'Egine e o projecto para uma *Escola de Desenho*: depois fez uma viagem até Constantinopla.

Regressando a Paris em 1854 obteve o modesto emprego de ajudante do inspector dos trabalhos para a restauração da torre de *S. Jacques*, com diminuto ordenado; mas em 1860 foi nomeado architecto da cidade e incumbido das obras de dois bairros.

Não obstante o raro talento do architecto Garnier, era pouco conhecido o seu merecimento do publico; porém abrindo-se um concurso em 1861 para a construcção de um novo theatro de canto para Paris, o novel artista delineou um projecto o qual foi approvado por unanimidade pelo jury; ficando então encarregado d'esta obra que deveria tornar celebre o nome d'este artista.

Depois de seis annos de assiduos trabalhos, o habil architecto fez patente a grande fachada da sua obra, em 13 de agosto de 1867, havendo ficado concluido o edificio em 1873: por tanto, empregou-se quatorze annos n'esta edificação, custando 33 milhões de francos!

Em 1864 foi-lhe conferido o grau de cavalleiro da Legião de Honra, tendo obtido antes em 1861 ser nomeado membro correspondente do Instituto Real dos architectos britannicos.

É auctor de varias publicações artisticas, sendo todavia a mais importante — *Estudo sobre o theatro*, de 1871; — livro que será de grande auxilio aos architectos quando forem encarregados de construir um theatro com todos os preceitos d'arte, e que corresponda aos seus fins; indicando-lhes a formula das suas variadas condições, tanto da scena, como da sala; bem como deverá ser disposta a circulação interna, igualmente a exterior; demonstrando toda a theoria architectonica a adoptar para um theatro moderno. Não lhe esqueceu uma unica questão que a tal respeito a não expozesse no seu excellente livro de 470 pag. em 8.º, com 21 capitulos, a fim de a resolver cabalmente: por tanto, bastaria unicamente esta publicação para se reconhecer o grande merito do artista na sua nobre profissão, e lhe grangear a devida fama do seu raro talento e merecida reputação de INSIGNE ARCHITECTO.

O governo francez conferiu-lhe o grau de official da Legião de Honra no dia da inauguração d'este sumptuoso theatro, em 3 de janeiro de 1873. Concordamos absolutamente com a opinião do distincto confrade, redactor principal d'um jornal artistico de Paris, para esperarmos

de ver em breve lhe seja dada a commenda d'aquella ordem, pois todos os artistas, *mesmo os seus inimigos*, applaudiriam esta superior distincção alcançada tão *arrojadamente* além de ser *merecida*.

Ainda a sua grandiosa edificação não havia recebido os applausos do publico illustrado de Pariz, já era admittido ás honras de membro do Instituto de França; tendo antes recebido de diversos soberanos muitas mercês honorificas, como testemunho de admiração e apreço pelo seu superior talento: além de ter sido nomeado membro correspondente de dezeseite associações artisticas estrangeiras, entrando n'este numero a nossa Real Associação.

A sua physionomia mostra bem o caracter que o distingue, de ser de uma força de vontade inabalavel, pois ella provém da intima convicção que domina a sua intelligencia, e a constante perseverança em vencer as maiores difficuldades que lhe dão azos a exercitar a sua fertil imaginação, e esses acertados esforços alcançam-lhe o triumpho do seu esclarecido talento.

A tez de Carlos Garnier é bastante morena, d'olhos pretos de excessiva vivacidade, cabellos como o azeviche e de uma abundancia extraordinaria, parecendo ter na cabeça uma especie de enorme turbante aveludado.

O gesto é vivo como a voz é vibrante, mas ainda é mais rapido o seu modo de escrever, pois quasi sempre faltam syllabas nas palavras, porque o pensamento veloz da sua imaginação não lhe dá espera para formar as letras de que ellas se compõem; dispensa a pontuação, e muito menos precisa pôr acentos sobre as vogaes; as letras são de fórmãs caprichosas, parecendo ser escriptas com um palito!

No seu trato familiar é jovial, de excessiva amabilidade; franco em expressar o seu juizo; bom amigo, ainda melhor confrade. Não gosta de etiquetas, mas não despreza as atenções, sendo sempre affavel para com todos, mesmo para os seus operarios, os quaes lhe deram uma sincera demonstração de quanto o estimam e veneram, havendo feito cunhar uma medalha para lhe ser offerecida como homenagem e reconhecimento dos obreiros que trabalharam sob a sua direcção n'este monumental theatro da Grande Opera de Paris.

A poesia é-lhe familiar, e improvisa com facilidade. Quando o entusiasmo pela sua nobre arte o domina, as imagens as mais sublimes brotam de sua poderosa imaginação sem esforço; captiva a atenção e encanta ao auditorio que o escuta; como nós presenciámos na occasião do banquete dado no Grande Hotel de Paris pela Associação Central dos Architectos francezes aos seus confrades estrangeiros, membros do congresso internacional dos architectos em 1867, aonde Carlos Garnier nos fez admirar o seu fertil engenho, o *à propos* de sua inspiração.

A construcção da nova Opera de Paris tem motivado criticas mais ou menos severas, ou elogios que

fazem sobressair o grande numero de bellezas, que realmente offerece este esplendido edificio, unico no mundo, com que foi dotada agora a capital de França. A este respeito, pelas opiniões diversas sobre o merecimento d'esta edificação, recebemos uma carta d'este nosso insigne confrade e amigo, datada de 13 de fevereiro proximo passado da sua linda *Villa de Bordighera* (na Italia, proximo de Turim,) em que nos diz o seguinte: — «Pardonnez mon cher confrère et ami cette espèce de négligence, et croyez bien que je suis très sensible à vos bienveillantes paroles, *ce sont en somme mes confrères qui sont les meilleurs juges*, ils sont aussi comme vous le montrez les plus indulgents, mais je me sens un peu confus des éloges que vous m'adressez. N'importe, je vous assure que je suis très fier de les recevoir de vous et très heureux de penser que vous ne m'avez pas oublié.»

Mais um recente testemunho honroso do governo francez acaba de receber o architecto Garnier, sendo nomeado, pelo obito do seu confrade Lance, architecto do conservatorio de musica de Paris. Nos paizes mais cultos, o melhor e o unico empenho para ser considerado é ter saber e possuir talento; não se precisa mendigar a merecida remuneração a que o merito dá jus.

O architecto — J. DA SILVA.

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

(Continuado de pagina 46)

MEDOBRIGA

III

Descrevemos as medalhas romanas, que podemos examinar, achadas no valle da antiga Medobriga, hoje Aramenha; ha muitas mais, porém disseminadas pelas mãos de varios curiosos, que as recatam de vistas extranhas, dando-lhes maior importancia do que na realidade têm.

Cremos que, se se fizessem explorações methodicas n'este valle, se achariam n'elle muitos objectos preciosos; porque dos que temos noticia a meros incidentes se deveu a invenção.

Informou-nos, ha pouco, o director das obras publicas do districto, o sr. Agostinho Leite, que precisando de alguma cantaria para a estrada, que se construiu n'estes sitios, se lhe offerecera uma porção; e mandando-a examinar, informou o conductor, que descera ao pavimento inferior de uma loja, onde achára uma casa quadrangular toda coberta de mosaico. Era a cantaria, que a dona se propunha vender, mas que o sr. Leite não podia aproveitar para o fim, que desejava.

Têm apparecido algumas lapides com inscripções, uma das quaes nos foi communicada, e aqui a transcrevemos:

R. CORNELIO
C. MARCO
VERITIMA DIVO
CLAUDIO CIVITATE
DONATO
QUESTORI II VIR
EX TESTAMENTO IPSUIS
QUINTIUS CAPITO
CUM Q. F. H. P.

Consta-nos, que fôra tambem aqui descoberta, copiada, e remettida em 23 de abril de 1797 á academia real das sciencias de Lisboa pelo seu meritissimo presidente, o duque de Lafões, est'outra inscripção:

C. JUL. VECEFO
FLAMINI PRO
VINCIE LUSITA
NII PROPINIA
STAFRA. MARI
TO. TOPIMO.

Deve ler-se:

*Caio Julio Vecefo Provinciae Lusitanae Propinia
Stafrá Marito Optimo.*

A sua traducção em linguagem é a seguinte:

*Propinia Stafrá a seu optimo marido Caio Julio
Vecefo, Flamine da Provincia Lusitana.*

Devem converter-se em E os dois II com que termina a palavra *Lusitani*.

É frequentissima esta orthographia nos marmores antigos, como escreve André de Resende na sua obra *De Antiquitatibus Lusitaniae*, tom. I, pag. 234 — edição de Coimbra.

IV

Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*, liv. IV, cap. XII, narra extensamente, como o Propretor Quinto Cassio Longino (a quem Cesar, quietas as cousas de Hespanha com a victoria dos capitães de Pompeo, deixára no governo de Portugal e da Andaluzia) accommetteu os moradores de Medobriga, e lhes saqueou a cidade, fazendo depois aspera guerra aos moradores do novo monte Herminio, para onde se recolheram os medobrigenses.

Esta narração é confirmada por André de Resende com uma passagem do *Itenerario* de Antonino, como pôde ver-se na sua já citada obra *De Antiquitatibus Lusitaniae*, lib. I, pag. 68.

La Clede, ao descrever o caracter de Q. Cassio Longino, diz: «Sitiou Medobriga, que ainda conservava

avós de Pompeo, tomou-a, e fez prisioneiros a todos os habitantes ¹». Não faz todavia, menção da retirada dos medobrigenses para o monte Herminio.

Jeronymo Soares Barbosa tambem narrou o successo no seu *Epitome Lusitaniae Historiae*, cap. IV, referindo-a ao anno 708 de Roma, e 46 antes da vinda de Christo, guiando-se pelo que historiou A. Hirtius, *De Cello Alexandrino*, cap. XVIII; não se conformou, porém, em algumas circumstancias, com o additador dos *Commentarios* de Cesar.

«Medobrigam autem sitam fuisse in monte, ubi nunc est Portusalaris, Arucis, Alacretum, et Marvanum, ad cujus radices est Araminia (Aramenha), libenter cum Resendio crediderim. Nam et congruunt itinera viae militaris ab Olisipone Medobrigam ab Antonino descripta, et plumbi fodinae, quae Medobrigensibus *Plumbariorum* etiam nomen fecere, teste Plinio. Sed eundem montem Herminium illum esse ab Hirtio notatum, in quem profugere Medobrigenses, assentiri non possum. Neque enim satis tutum perfugium eisdem praestare posset mons nullatenus praeruptus, idemque et oppido proximus, et facile pervius. Credo igitur hunc montem eundem esse, quem veteres modo *Herminium*, nos *Stelae* vocamus, quique commune erat perfugium miserorum, qui a Praetoribus vexati redigebantur ad incita. Nec obstat locorum distantia. Veteres enim Lusitanos, montanosque in primis, celeres, agiles, versatiles fuisse scimus; atque, ut Herminienses populi decem ante annis a *Caesare* ipso exagitati haud ita multis itineribus profugere Londobrin; ita Medobrigenses vicissim ad Herminium, non amplius octodecim leucas recta dissitum, facile biduo pervenire poterant.»

Trasladada em linguagem quer dizer esta passagem:

«Acredito de boa mente com André de Resende, que a cidade Medobriga estivesse situada no monte, onde agora está Portalegre, Arronches, Alegrete e Marvão, em cujas raizes fica *Aramenha*; porque não só concorda com semelhante situação a distancia, pela via militar, de Lisboa a medobriga, marcada no *Itinerario* de Antonino, mas as galerias de exploração da mina de chumbo, que, segundo Plinio, fizeram dar aos medobrigenses o cognome de *Plumbarios*. No que me não conformo é que seja o monte *Herminio*; que notou Hircio, aquelle para onde se refugiaram os medobrigenses. Não lhes podia servir de guarida com sufficiente segurança um monte, que não é talhado a pique, e, de mais a mais, tão proximo da cidade, e facilmente accessivel. Estou persuadido que, de feito, se retiraram, mas para a serra da Estrella, que os antigos denominaram Herminio; porque esta era o refugio de todo os desgraçados, que os Pretores reduziam ás angustias, a que foram reduzidos os medobrigenses. Nem faça duvida a distancia dos logares; porque é geralmente sabido, que os antigos Lusitanos, mórmente os montanhezes, eram

leves, ageis, accelerados nas suas marchas. E assim como os povos herminios, dez annos antes, poderam retirar-se em poucas jornadas para a Berlenga, quando perseguidos pelo proprio Cesar em pessoa, tambem os medobrigenses, quando lhes tocou por sua vez a retirada, poderiam, sem grande fadiga, chegar em dois dias ao Herminio, distante apenas dezoito leguas por caminho direito.»

Examinaremos os fundamentos da opinião do celebre auctor do *Epitome Lusitanae Historiae*.

(Continua)

R. DE GUSMÃO.

MONUMENTO RELIGIOSO DA JUDEA

O distincto archeologo o sr. cavalleiro Arthur De Marsy, encarregado pelo seu governo de missões scientificas, tanto na Europa como na Palestina, tem prestado grandes serviços aos estudos historicos e á archeologia: além das suas bem elaboradas publicações, as quaes lhe teem grangeado, dentro e fóra do seu paiz, merecida reputação.

Este nosso distincto socio correspondente ha sempre contemplado Portugal com subsidios litterarios e historicos de bastante interesse, como são as suas notas colligidas das bibliothecas e archivos da nação franceza afim de servirem para uma bibliographia franceza de Portugal, bem como a importante colleção sigillographica que está exposta no Museu d'Archeologia do Carmo; havendo pois dado repetidas demonstrações de sympathia pelo nosso paiz, e quanto estima proporcionar-nos occasiões de nos obsequiar, como provam as notas sobre a egreja de Bethléem, que teve a bondade de tomar quando foi no anno findo á Judea para satisfazer-nos ao pedido que lhe fizemos a este respeito; trabalho que damos agora á luz, não só pelo seu incontestavel interesse historico, artistico e archeologico, como para fazer mais conhecido dos nossos consocios o saber de tão distincto litterato, e ao mesmo tempo manifestar-lhe os nossos agradecimentos havendo-nos mimoseado com documentos de tanta valia para o nosso paiz, e cedido objectos de bastante utilidade para os estudos archeologicos e sigillographicos: receba pois o sr. cavalleiro A. De Marsy os nossos mais sinceros e leaes sentimentos de grande estima e de merecida consideração.

O architecto — J. DA SILVA.

LA BASILIQUE DE BETHLÉEM

L'étude de ce monument demanderait pour être fait d'une manière complète un mémoire de plusieurs centaines de pages. Presque tous les voyageurs qui depuis trois cents ans ont fait imprimer le récit de leurs visi-

¹ *Historia Geral de Portugal*, tom. I, liv. II, pag. 211.

tes aux Saints Lieux de Palestine en ont donné des descriptions exactes. L'état des choses ne paraît pas avoir changé notablement depuis les croisades. Les travaux les plus récents sont ceux de Mr. l'abbé Michon, du Liéven et du Comte Melchior de Vogué.

Ce dernier, dans son volume des Églises de Terre Sainte, a consacré plus de cent pages in 4° et un certain nombre de planches à ce fait historique et à la description minutieuse de la basilique de la Nativité. Il en a donné des plans, des coupes et a même reproduit les belles mosaïques, dues à des artistes byzantins, qui décorent les deux côtés de la nef principale.

La basilique de Bethléem, la mosquée El-Aksa à Jérusalem et l'église de S. Jean, aujourd'hui Grande Mosquée de Damas appartiennent à la même famille que les basiliques de S. Apollinaire *in classe* de la ville de Ravenne et que l'ancienne basilique, aujourd'hui brûlée de S. Paul hors les murs à Rome. Toutes présentent les mêmes caractères généraux, comme construction, couverture, etc. Le plan que je joins ici, emprunté à la publication de Mr. l'abbé Michon, en donnera une idée exacte. J'y ai ajouté le plan de la grotte donné par le même auteur et qui, reproduit par beaucoup d'anciens voyageurs, a été négligé par Mr. de Vogué.

Je prends maintenant la description du frère Liéven en y ajoutant mes observations personnelles.

La basilique de la Nativité n'a jamais subi de changements considérables, elle est orientée et n'a qu'une seule porte donnant au dehors et ouvrant à l'ouest. Cette porte a été fermée laissée à la disposition des turcs, jusqu'à 1832, où, sur la demande de Napoleon III, le Sultan fit rendre aux Pères de Terre Sainte la clef et le droit de passage dans le chœur de l'église pour se rendre à la grotte.

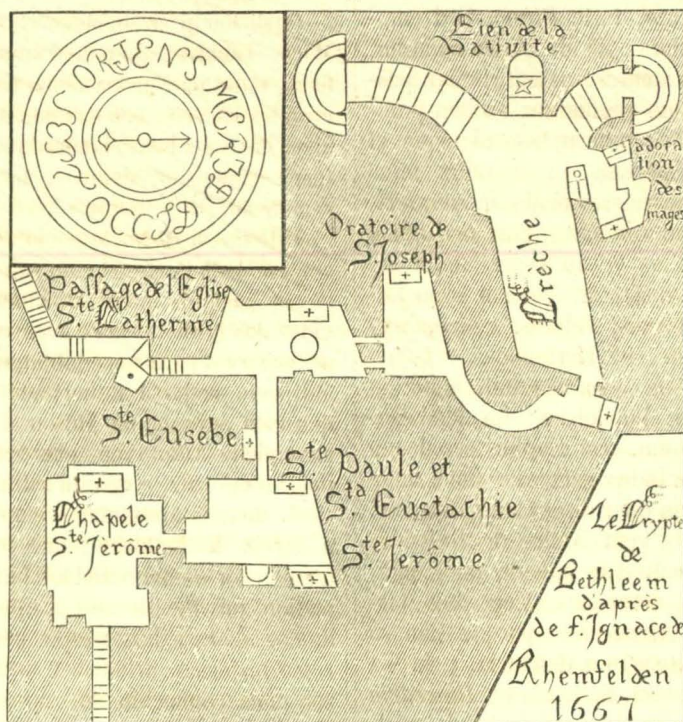
C'est à cette occasion que dans l'année 1873, un conflit sanglant a éclaté le jour des Rameaux pendant la sortie de la procession latine que le clergé grec ne voulait plus laisser rentrer dans la nef.

Cette église est à cinq nefs formées par quatre rangées de colonnes monolithes en pierre dure, calcaire et rougeâtre, veinée de blanc, paraissant être du marbre.

Dans les peintures du temps des croisés on distingue encore des casques et dans le mur de la grande artère sont des mosaïques exécutées du milieu du XII siècle, à l'époque où Beaudouin III venait d'épouser Théodora, nièce de l'Empereur Manuel Commène, etc. Les cinq nefs sont séparées du chœur par un mur bâti en 1842 par les grecs non unis. Toute cette partie de l'église a cessé d'être livrée au culte, elle sert de lieu de réunion, c'est une sorte de *forum*, il y a un puits. Lorsque je m'y trouvais la garnison turque de 200 hommes qui occupait militairement l'église y était installée.

La partie centrale du chœur qui est à trois absides est exhaussée d'environ 70 centimètres au dessus du reste du sol et c'est au dessous de cet exhaussement que se trouve la grotte de la Nativité de N. S.

Vers l'extrémité ouest de la basilique se trouvent



deux portes latérales, celle du nord donne dans le couvent des Pères de Terre Sainte et celle du sud dans celui des grecs non unis. Tout le chœur et les autels placés dans les transepts appartiennent aux grecs non unis ou aux arméniens. Les latins ont seulement un droit de passage. Ils peuvent aussi aller par un chemin souterrain de l'église de S.^{te} Catherine dans la grotte de la Nativité.

Près de la porte qui donne dans le couvent des grecs, on voit un baptistère taillé de forme octogonale et d'un seul bloc de pierre rougeâtre comme les colonnes de

la basilique. On l'attribue à S.^{te} Hélène, mais S. Jérôme n'en parle pas.

Deux passages, comme je le disais plus haut, donnent d'accès dans la grotte de la Nativité, objet des compétitions continuelles des grecs et des latins.

Le principal passage donne dans le chœur de la basilique que l'on traverse en passant devant un autel arménien et on arrive au côté nord de l'exhaussement à un escalier de 16 marches, qui donne dans la sainte grotte. Au côté sud de l'exhaussement un autre escalier de 13 marches y mène également. Le second passage conduit à la sainte grotte par un escalier souterrain pratiqué en 1479 par le R. P. Jean Thomacelli, custode de Terre Sainte et qui a son entrée vers le milieu de l'église de S.^{te} Catherine.

Arrivé dans la grotte on voit dans la partie est

une abside semi-circulaire qui renferme le lieu de la naissance de N. S. Cette abside conserve encore quelques fragments de belle peinture en mosaïque, représentant la naissance du Sauveur, mosaïque datant de l'époque des croisades.

Près du sol autour de l'abside brûlent jour et nuit 13 lampes — dont 4 aux latins, 5 aux arméniens non unis et 6 aux grecs séparés. Une plaque de marbre blanc qui couvre le sol de l'abside, laisse par une ouverture au milieu apercevoir une pierre de couleur bleuâtre, probablement de jaspe. Cette ouverture est contournée par une étoile en argent portant sur son large bord cette inscription : *Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est*. La possession de cette étoile attribuée depuis tout temps aux latins est l'objet des attaques continues des grecs qui à plusieurs reprises ont réussi à l'enlever, ou à la détacher. Elle a disparu en 1843, a été remplacé et de nouveau en 1873 sa situation était telle que d'après un firman de Constantinople accordé aux Pères Latins le pacha de Jérusalem dut la replacer en même temps qu'il faisait rétablir la tapisserie, objet du litige actuel (16 mars 1873).

Une tablette fixée sur cette abside à un mètre de hauteur environ sert aux grecs et aux arméniens à dire la messe.

A trois mètres sud-ouest de cette abside on descend par 3 degrés dans l'oratoire de la Crèche qui n'a que 2^m,50 de long sur 2^m,30 de large.

Il est creusé dans le roc. Le haut des côtés nord et nord-est qui sont ouverts est soutenu par trois colonnes antiques en marbre. A l'est dans cet oratoire se trouve un autel dédié aux rois mages, érigé sur le lieu même où ils adorèrent l'Enfant Jésus et lui offrirent leurs présents.

Cet autel était orné d'un tableau peint par Maello, peintre espagnol du siècle dernier, cadeau d'un roi d'Espagne. Il a été brûlé dans les scènes regrettables de 1873. — C'est à tort que Chateaubriand avait attribué cette toile et une autre qui lui sert de pendant à Murillo. A l'ouest de cet oratoire, on remarque une excavation dans le roc en forme de crèche. C'est là que la Vierge coucha l'Enfant Dieu. Ce lieu est couvert de marbre blanc, 5 lampes y brûlent continuellement.

Le fonds est caché par un beau tableau représentant l'Enfant Jésus dans la Crèche et peint en 1781 par Maello. Cet oratoire est attribué sans conteste aux Pères Latins qui couvrirent les parois de draperies à leurs armes.

La grotte ou chapelle souterraine de la Nativité a 10^m,35 de long sur 3 à 4 mètres de large suivant les endroits; elle est pavée de grandes dalles de marbre blanc.

Les parois du rocher servant de murs sont aussi couvertes de semblables plaques. Le haut est une voûte factice 31 lampes dont 7 aux latins brûlent jour et nuit dans la grotte.

Cette grotte était tendue ainsi que la voûte d'une draperie usée aux armes des Pères franciscains; les grecs l'ont successivement détruite en entier et les franciscains qui avaient un firman de Constantinople pour la remplacer par une autre toile peinte, donnée par le gouvernement français, ont pris l'initiative dans le mois de janvier 1873 de remplacer les lambeaux de l'ancienne tapisserie par une étoffe de soie à leurs armes. Conflits à ce sujet avec les grecs, occupations militaires de l'église et de la grotte. Le 16 mars le pacha de Jérusalem et M. Crampon, consul de France qui l'accompagnait, ont remplacé la nouvelle tapisserie dans l'intérieur de la grotte, après une protestation des chefs des églises grecque et arménienne, dont pourtant les patriarches avaient à Constantinople souscrit le firman réglant le *modus vivendi* et continuant aux grecs et aux arméniens le droit de placer certains tableaux dessinés sur la tapisserie. Les grecs ont cherché à détruire la nouvelle tapisserie consacrant officiellement les droits des franciscains, delà les principaux incidents dont j'ai déjà eu l'occasion de parler et qui ont motivé le rappel du pacha de Jérusalem. — Je n'insiste pas davantage sur ces détails politiques qu'il est cependant indispensable de consigner dans une étude sur la basilique de la Nativité.¹

Reprenons la description de la grotte. Dans l'angle nord ouest, on voit un trou rond, d'où, d'après une ancienne et respectable tradition, le Père Éternel fit jaillir une source pour la Sainte Famille. On sort par une porte qui est à l'ouest et qui sert d'entrée secondaire; on suit le petit couloir pratiqué dans le rocher et à main droite on rencontre une chapelle dédiée à St. Joseph. On croit que c'est dans cette grotte que le St. Époux de la mère de Dieu reçut l'ordre de partir pour l'Égypte avec l'Enfant Jésus. Cette chapelle est en partie dans le roc vif et fut érigée en 1621 par le R. P. Custode Thomas de Navarre.

Delà on descend par un escalier de cinq marches dans une autre chapelle dédiée aux SS. Innocents. D'après la tradition, c'est en ce lieu qu'au moment du massacre de ces jeunes martyrs par Hérode, différentes mères vinrent se cacher; mais surprises par les soldats elles virent leurs enfants massacrés sur leurs yeux. On les a ensevelis dans une fosse recouverte par l'autel.

En se dirigeant vers le Nord et en laissant à droite l'escalier qui conduit dans l'église de S.^{te} Catherine, on rencontre immédiatement dans un étroit couloir à main droite un autel dédié à St. Eusèbe de Crémone, et érigé sur son tombeau.

Disciple de St. Jérôme il lui succéda dans la direction du monastère et mourut en 422.

Par cet étroit passage de sept à huit mètres de long, on arrive à une chapelle taillée dans le roc. Ce passa-

¹ Pour pouvoir bâtir la basilique au dessus de la grotte, on a dû la soutenir par une voûte, puis qu'elle se trouve sur un banc de rocher, mou, crayeux et facile à effriter.

ge a été fait en 1356 sous le R. P. Custode Boniface de Raguse; antérieurement cette chapelle ne communiquait pas avec la grotte de la Nativité.

Dans la chapelle à l'est on voit un autel bâti sur le tombeau de St. Paulo et de sa fille St. Eustochie. Dans le paroi ouest, un autel posé sur le tombeau de St. Jérôme. En passant par une porte basse percée dans le mur nord, on entre dans une chapelle dédiée à ce Saint Docteur et appelée Oratoire de St. Jérôme, parce que d'après la tradition c'est en ce même lieu que ce Saint vaquait nuit et jour à la prière et à l'étude.

Dans le porche de la Basilique est située une porte qui donne entrée dans le couvent arménien non uni où on montre une salle appelée École de St. Jérôme.

Le couvent des Pères Latins était resté jusqu'à ces dernières années tel qu'il était au XVI siècle et que nous le montrent les plans des voyages d'Henri de Beauvau et d'une foule d'autres voyageurs allemands surtout, dont les ouvrages sont illustrées avec grand soin.

Depuis trois ou quatre ans, grâce à de généreuses allocations, dont la principale est due à l'Empereur d'Autriche, on a pu entreprendre de nouveaux travaux et étendre les constructions trop petites pour les 30 religieux et les nombreux pèlerins qui se présente au couvent de Bethléem. En faisant ces travaux on a mis à jour un ancien cloître datant du XI siècle, dont Mr. Hauss, architecte du gouvernement français, et Mr. le capitaine Guillemot ont projeté la restauration.

On a aussi dans les fouilles rencontré quelques objets précieux, deux bassins en cuivre gravé, des chandeliers en argent byzantins avec cette légende:— *Maledictus qui nec aufert de Nativitatis Bethleem*, etc. Je me réserve de donner plus tard un travail sur ces différents objets dont j'ai pu rapporter des dessins et des estampages.

A. DE MARSY.

Je ne voudrais pas citer tous les récits des voyageurs qui ont parlé de Bethleem, voici pourtant quelques citations qui me semblent peut-être pas hors de propos :

Liber de locis Sanctis Petri Casinensis dyaconi

Ed. Comte P. Riant.

Naples 1870 Mss. de 1137.

P. 14.— Bethleem sex milibus in austrum ab Hierusolimis secreta in dorso sita est angusto, ex parte omni vallibus circumdato, ab occidente in orientem mille passibus longa, humili sine turribus muro, per extrema plani verticis instructa. In cujus orientali angulo quasi quoddam naturale semiantrum est cujus

exterior navitatis dominice est locus, interior Presepe Domini nominatur. Hæc spelunca tota interius precioso marmore tecta super ipsum locum ubi natus est Dominus, Sancte Marie grandem gestat ecclesiam. Petra juxta murum cavata, primum dominici corporis lavacrum de muro missum suscipiens, actenus servat, que, si qua forte occasione vel industria fueret exausta, nihilominus continuo dum respicis, sicut ante fuerit plena, redundat. Ad aquilonem Bethleem, in valle contigua, ecclesia est; ad austrum vero, in valle contigua, in ecclesia, sepulcrum est Sancti Hieronimi.

Idem. p. 23.— In ecclesia vero que est in Bethleem est mensa, in qua comedit Sancta Maria cum tribus regibus, Cristum Dei filium requirentibus; columnæ sunt intus ipsam ecclesiam sexaginta quatuor; ibi requiescunt Pueri, pro Cristo, ab Erode interfecti.

Voyage d'Arculfe. 700 ap. J. C.
(analyse anglaise. p. 6)

From Jerusalem Arculfe went to Bethleem, which is situated on a narrow ridge, surrounded on all sides by valleys. The ridge is about a mile long, from west to east; and a low wall, without towers, surrounds the brow of the hill, and overlooks here and there over the space within the wall. At the extreme eastern angle there is a sort of natural half cave, the outer part of which is said to have been the place of our Lord's birth; the inside is called our Lord's Manger. The whole of this cave is covered within with precious marble. For the place where more especially our Lord is said to have been born, stands the great church of S. Mary. Near the wall is a hollow stone, which received back from the wall the water in which our Lord's body was washed, and has ever since been full of the purest water, without any diminution. If by any accident or service it has been emptied, it quickly becomes as full as before.

Willibald. 725

P. 19.— He next came to the place where the angel appeared to the shepherds, and thence to Bethleem, where our Lord was born, distant seven miles from Jerusalem. The place where Christ was born was once a cave under the earth, but it is now a square house cut in the rock, and the earth is dug up and thrown from it all round, and a church is now built above it and an altar is placed over the site or the birth. There is another smaller altar, in order that when they desire to celebrate mass in the cave, they may carry in the smaller altar for the occasion. This church is a glorious building, in the form of a Cross.

Bernard the Wise. 867.

P. 29. At Bethlehem there is a very large church in honour of St. Mary, in the middle of which is a crypt under a stone, the entrance of which is from the south, and the egress from the east, in which is shown the manger of our Lord, on the west side of the crypt. But the place in which our Lord cried, is to the east having an altar where masses are celebrated.

Near this church, to the south, is a church of the Blessed Innocents, the martyrs.

Sæwulf. 1102.

P. 44. — In the church there is a crypt under the choir, about the middle, in which is seen the place of our Lord's nativity, as it were to the left. A little lower, to the right near the place of the nativity, is the manger where the ox and ass stood when the child was placed before them in it; and the stone which supported the head of our Saviour in the sepulchre, which was brought hither from Jerusalem by S. Jerome the Persbyter, may be seen in the manger. S. Jerome himself rests in the same church, under the altar, to the north-east; and the Innocents who were slain for the Infant Christ, by Herod, lie under the altar on the north part of the church, as well as the two most holy women, Paula and her daughter Eustochium, the virgin. There is the marble table on which the blessed Virgin Mary eat with the three Magians, after they had given their offerings.

THERMAS EM PORTUGAL

Thermas (Thermœ): esta palavra que vem do grego e expressa a *nascente de agua quente*, significou depois os banhos de agua quente, quer fossem de temperatura natural, quer produzida por meios artificiaes: porém, com o andar dos tempos, essa mesma palavra foi applicada aos edificios que reunissem tudo o de que se compõe um estabelecimento completo de banhos, tanto d'agua fria, como d'agua morna ou de vapor.

Os edificios antigos assim designados em Roma eram vastos palacios, que serviam de banhos publicos. Os imperadores esmeravam-se em ostentar a sua magnificencia n'essas construcções e no modo de ornal-as. Entre os 862 banhos publicos existentes em Roma, avultavam as thermas de Tito, de Caracalla e de Diocleciano. Durante o dia estavam francos para as pessoas dos dois sexos, e tinham cadeiras de marmore,

para 1:600 pessoas tomarem commodamente os banhos.

O edificio mandado construir por Diocleciano era ainda muito mais vasto, pois podiam banhar-se ao mesmo tempo 3:200 pessoas.

Esbeltos porticos com columnas ornavam estes sumptuosos edificios, que serviam para se passear a coberto, ou de logares de reunião. Os ourives expunham ali á venda os primores da sua arte. Tambem havia grandes espaços destinados aos exercicios da gymnastica, assim como recintos e galerias para os philosophos e oradores instruirem a mocidade, para os poetas recitarem as suas obras e para os pintores e esculptores exporem os seus trabalhos artisticos, afim de se fazerem conhecidos dos amadores de bellas-artes e facilitarem a acquisição de suas obras.

Esses banhos eram de todas as especies, até mesmo de agua do mar, estando distribuidos em diferentes salas, das quaes as abobadas subiam a extraordinaria altura, e assentavam em columnas de marmore de qualidade rarissima; as banheiras eram formadas com o mais bello marmore, de granito oriental ou de porphyro; alem de espaçosos tanques para quem quizesse exercitar-se a nadar. Numerosos escravos dos dois sexos serviam as pessoas que tomavam banhos. Finalmente, para se formar idéa como eram grandiosas estas edificacões, bastará mencionar, que nas thermas de Diocleciano foram empregados 40:000 escravos christãos durante sete annos, dos quaes as tres quartas partes morreram de fadiga e miseria! O uso dos banhos entre os romanos procedia mais da necessidade para a limpeza, que para refrigerio, pois não conheciam o uso de roupa branca para resguardar o acao do corpo; es te uso os obrigava a construir edificios apropriados em todos os paizes onde tiveram dominio; e posto que não fossem ornados com igual magnificencia d'aquelles que possuam em Roma, todavia conservavam-lhes, em menores dimensões, as mesmas divisões e o modo especial da construcção; a saber: salas reservadas para os diversos banhos; o *frigidarium*, sala dos banhos frios; o *tepidarium*, sala para os banhos d'agua tepida; o *caldarium*, banhos d'agua quente; sem fallar de outras casas destinadas ao descanso, vestuario, etc.

Se habitualmente os romanos não podiam dispensar o uso dos banhos a miudo, muito mais apreciavam o d'aquelles em que as aguas sulfurosas lhes davam allivio aos seus padecimentos, e das quaes ha tantas e abundantes nascentes, em diversas localidades do nosso paiz; não é pois para admirar que tenhamos em Portugal alguns vestigios d'essas antigas construcções romanas; posto que d'esses edificios existem apenas ruinas de dois, cada um de genero differente, pertencendo a um d'elles os vestigios que representa a planta ichnographica das Caldas das Taipas, na provincia de Braga, estampa 9.ª, desenhada e medida com o esmero que costuma apresentar todos os seus trabalhos o

nosso digno socio correspondente o sr. Cezario Augusto Pinto, sendo ellucidada pela legenda que copiamos, remetida pelo mesmo architecto.

De outro antigo edificio d'este genero, porém para banhos de limpeza, ou hygienicos, que os romanos construíram, existem ruínas em Cetebriga, hoje Troia, que fica situado de frente de Setubal; ali se conservam algumas paredes ainda em pé, e se poderá examinar o modo engenhoso d'essas construcções, pois no meio dos entulhos se distingue o *apodyterium*, ou casa onde as pessoas se despiam; o *baptisterium*, sala para o banho frio; mas principalmente se conhece a posição de *laconium*, sendo o piso d'esta sala ôco por baixo, firmando-se sobre tentos de tijolos, e as paredes vêem-se rodeiadas de tubos de chumbo para que o ar quente lhe conserve a sua temperatura, produzida por um forno contiguo, se conservam ainda os vestígios de suas paredes calcinadas pelo grão elevado do fogo.

Na sala dos banhos para o sexo feminino o *tepidarium* tem também o pavimento collocado sobre pilares e as paredes contendo os tubos para lhe conservar o grão de calor necessario; como se pôde vêr nas mesmas ruínas. Esta sala havia ainda conservado o seu mosaico até ao anno de 1872; porém certa manhã, um escalor tripulado por 10 marinheiros e commandados por um official de marinha pertencente a uma fragata estrangeira, surta no Tejo, saiu a barra e dirigiu-se ao rio Sado, atracá á praia de Troia;¹ os marinheiros providos de alavancas e picaretas entraram nas thermas, arrancaram-lhes todo o mosaico do chão, cortaram os tubos de chumbo que serviam para a transmissão do calor, trabalho laborioso por estar muito consistente a argamaça; depois, sem mais cerimonia, embarcaram essas antiguidades que figuram hoje em paiz estranho, as quaes os romanos haviam deixado tão perto da capital, e que nós perdemos pela nossa arreigada inercia e pela maneira mais vergonhosa para o brio nacional, assim como bem pouco lisongeira para o apreço que damos á conservação das antiguidades da nossa terra.

O architecto — J. DA SILVA.

LEGENDA EXPLICATIVA

DA

PLANTA ICHNOGRAPHICA

DAS

CALDAS DAS TAIPAS

a á Estabelecimento actual com nove piscinas, construídas em duas differentes épocas, *a* em 1818, e *a* em 1844.

b Perimetro das excavações mandadas fazer pela Ca-

¹ Veja-se a consulta que esta Real Associação remetteu ao Ministerio de Instrução Publica em 7 de Julho de 1867, sobre a maneira conveniente de se adquirir para a nação as antiguidades de Cetobriga.

mara Municipal de Guimarães em 1867, nos antigos banhos romanos, para as pesquisas das aguas thermaes, que se canalisaram para o estabelecimento moderno.

c Grande poço, ou deposito — em parte ladrilhado com lagedo granítico; o seu diametro interno é de 7 metros e tem 2^m,40 de alto; é emparedado de aduella de cantaria grossa, em fiadas de 0^m,48 por 0^m,80 de cauda reforçada por um massiço de formigão hydraulico de 1 metro de espessura, grosseiramente fabricado, mas de admiravel consistencia. A parte superior da aduella e do massiço indica terem-se-lhe tirado algumas fiadas, e o mesmo caso se dá com toda a mais construcção, pois que tudo quanto resta não são mais que ruínas, ou vestígios, que devem a sua existencia ao terem estado por largos annos ignoradas, e cobertas com uma espessa camada de terra. Foi o Carmelita de Braga Fr. Christovão dos Reis que em 1753 descobriu estas aguas, que filtravam por entre a terra formando charcos n'um campo lavradio. Este pço tem tres fortes nascentes.

d Piscina de 0^m,60 de altura, ladrilhada com tijolo de grandes dimensões.

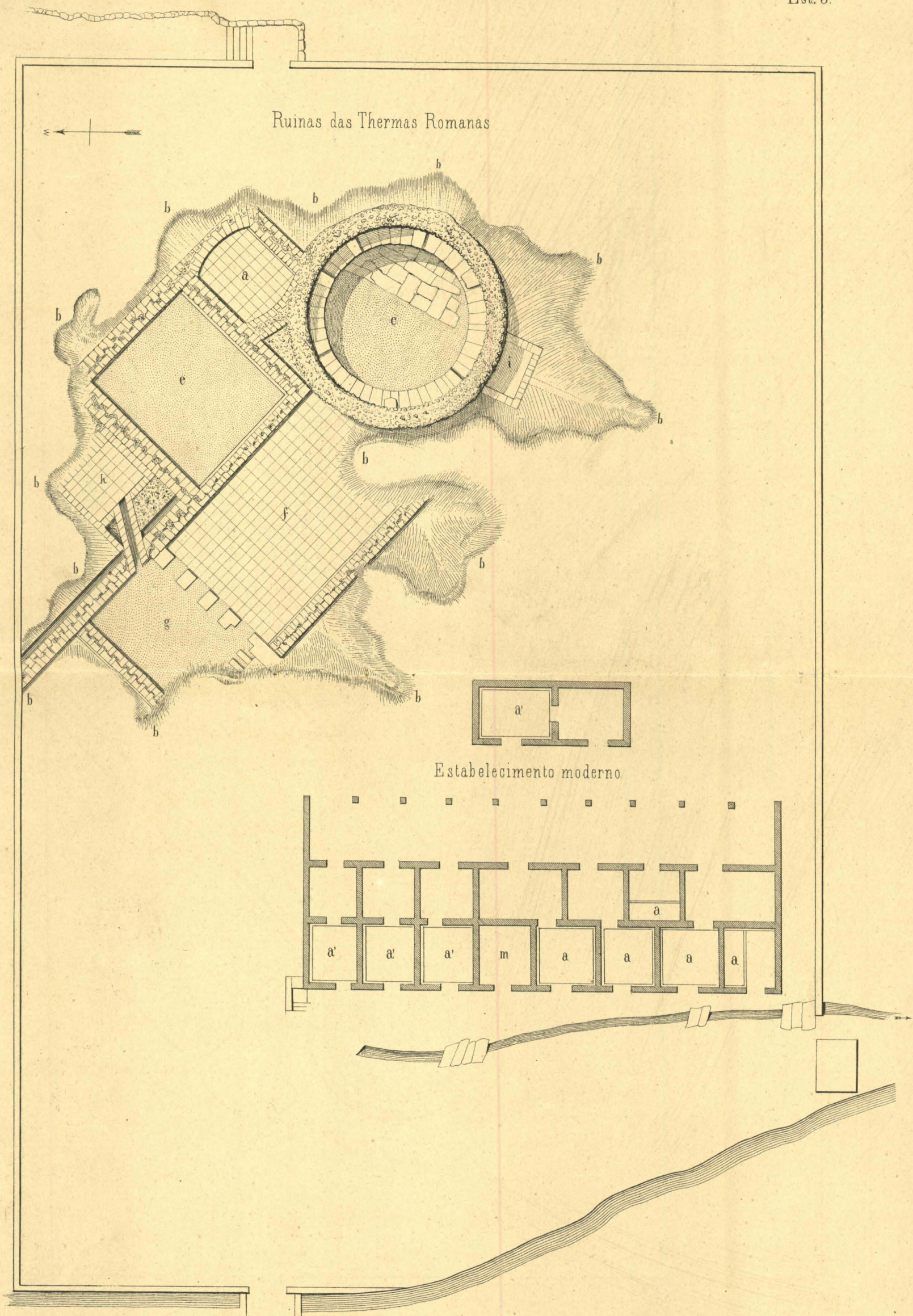
e Piscina, ou deposito, cujo lastro era ladrilhado com grandes tijolos, mas que deixou de o ser em 1844, quando a Camara Municipal de Guimarães alli mandou proceder ás primeiras excavações para a construcção dos banhos modernos.

f Grande piscina ladrilhada com duas ordens de grandes tijolos, sendo a segunda assente sobre tentos de barro cozido de 0^m,30 de altura, e de base ellipsoide, sobre os quaes vão descançar quatro tijolos, no ponto da sua junção. Parece que esta sobreposição do segundo ladrilho tinha por fim dar passagem á agua proveniente do hypocausto, que lhe fica superior em nivel e que a piscina se enchia rompendo a agua pelas juntas dos tijolos, com o fim provavel de lhe aproveitar os gazes.

g Faz parte da grande piscina, da qual parece estar separada por comportas; o ladrilho que também é de tijolo, teve a mesma sorte que o do banho *e*, foi ladrilhar os quartos de abafó do novo estabelecimento.

h Hypocausto que foi quasi todo destruido em 1844; tiraram-lhe varias peças de ferro, já muito deterioradas, que ainda tinha, e arrasaram parte dos muros e da canalisação: a sua construcção interna é igual á do duplo ladrilho da piscina *f*, com a differença porém, de que o ladrilho superior é coberto de uma camada de formigão hydraulico de 0^m,16 de espessura, composto de argamaça, tijolo britado, e quarzo. O vão comprehendido entre os dous ladrilhos communica com a piscina *g* por um cano de alvenaria argamassada revestido de tijolo pequeno, unico que se vê em toda a obra com aquellas dimensões.

i Tanque communicando com o fundo do grande poço *e*, por meio de um cano de formigão de secção circular perfeitamente feito, e tão solido como se fosse feito de uma só pedra. Este tanque distribuia agua para ou-



PLANTA ICNOGRAPHICA DAS CALDAS DAS TAIPAS

tros pontos, porque em frente do cano de formigão está outro de 0^m,24 em quadro composto de quatro tijolos que segue na direcção SSO; pode também ser que fosse cano de despejo que iria desaguar ao ribeiro.

A altura das piscinas regula entre 0^m,30 e 0^m,60, mas conhece-se que tiveram maior altura, e não existe parte alguma da construção que não soffresse fortes estragos ocasionados pela acção do tempo, e pelo vandalismo. As excavações que se fizeram em 1844 occuparam muito maior área do que as de 1867, e chegaram até onde hoje existem os banhos novos para cuja construção tiveram de *destruir parte da edificação romana*.

Os muros que circuitam as piscinas são todos paramentados com pedras de esquadria de pequeno aparelho, de granito amphibolico vindo do monte de Sabrozo — distante cêrca de dous kilometros, — de 0^m,16 de alto por 0^m,30 de comprido aproximadamente. Actualmente tudo se acha aterrado n'uma altura media de 1 metro: mas antes que a Camara de Guimarães de 1818 expropriasse o terreno em que edificou o novo estabelecimento, e o terreiro que vedou em forma de parallelogrammo, a altura do aterro sobre o fundo das piscinas era de mais de 2^m,20, como facilmente se pôde deduzir da altura dos terrenos adjacentes.

Desde 1753 tomaram-se os banhos em pôças cavadas na terra, e cobertas a principio de ramos de carvalho, e de esteiras d'Ovar em forma de cubatas: mais tarde construíram-se algumas barracas de madeira, que em 1818 se demoliram para em seu lugar se edificarem as primeiras cinco piscinas, e o quarto *m* do banheiro que hoje occupa quasi o centro do edificio.

CEZARIO AUGUSTO PINTO,
Socio correspondente.

EPIGRAPHIA NACIONAL

Quando em 1863 empreendemos levantar as plantas dos principaes edificios religiosos do paiz, e tirar as vistas dos monumentos nacionaes,¹ estando para esse fim na cidade do Porto, fomos ver também o convento das freiras de Monchique, e notamos com alguma surpresa achar-se incorporada no revestimento de cantaria d'aquelle convento uma bella inscripção em hebraico aberta no granito, e collocada em altura conveniente para ser lida! Esta lapida assentava no lado esquerdo, entrando-se para o pateo do convento, e proximo da hobreira do portão da horta. Logo fizemos tenção de a obter para a depositar no Museu d'archeologia do Carmo; pois, como o convento pertencia aos proprios

nacionaes, deveria ser vendido, e pouco importava para o seu valor tirar-se-lhe a lapida, sendo substituida por outra, para a fiada da cantaria ficar completa. Esperámos portanto que o edificio fosse á praça, e quando isso se effectuou, pedimos que nos dêssem a inscripção; houve porém embargos de terceiro, allegando-se que havia a dar a preferencia a outra solicitação de um estabelecimento publico: não insistimos em o nosso proposito, porque sendo o empenho evitar que se perdesse aquella antigualha, ficavamos satisfeito por vêr que ella seria conservada em deposito seguro.

Passaram-se alguns annos, até que se pôz em praça outra vez o referido edificio. Partimos pouco depois para o Porto, e verificamos com jubilo que a inscripção ainda se conservava no mesmo logar.

Tendo sido adquirida essa parte do edificio por um particular, procuramos estabelecer relações com elle. Por intervenção do nosso presado amigo o sr. João Antonio de Freitas Fortuna, digno socio correspondente da nossa Real Associação, fomos apresentados ao sr. Clemente Joaquim Guimarães Messener, actual proprietario do extincto convento, a quem expozemos o nosso designio, e com a maior delicadeza accedeu logo ao pedido, e foi a lapida offertada com tanta generosidade que o dito cavalheiro não annuiu a que mandassemos substituir a pedra, embora o espaço descoberto occupasse a superficie de 8^m,702, receba pois o sr. Guimarães os nossos agradecimentos por tão brioso proceder. Este Boletim regista com ufania tão nobre acção, que procede de quem preza os estudos archeologicos e sabe auxilial-os.

Em 3 de fevereiro d'este anno ficou depositada no Museu d'archeologia do Carmo essa lapida de granito com a inscripção gravada em oito linhas, que damos n'este numero, e apesar de ter estado exposta ao tempo por mais de quatro seculos no edificio em que se achava collocada, todavia os caracteres estão perfeitamente conservados.

Não podêmos descobrir como foi que a lapida de que tratamos fez parte da construção de um edificio da religião christã. Parece que antigamente houvera uma synagoga nos arrabaldes da cidade do Porto, mas que fôra demolida; e talvez d'ella viesse a lapida; porém a razão porque a aproveitaram para uma egreja do nosso culto, principalmente n'aquelles tempos, é que não se explicará facilmente.

Desejando apresentar esta inscripção impressa com os proprios caracteres hebraicos,¹ e havendo grande difficuldade de se tirar uma copia fiel, recorreremos ao erudito sr. Joshua E. Levy, que se prestou a obsequiar-nos da melhor vontade. Bem fizemos em nos auxiliar com a sua illustração, pois que S. S.^{as} não só

¹ Alcançamos do distincto Director da Imprensa Nacional de Lisboa em autorisar a composição feita na lingua da referida inscripção: pelo que nos confessamos ser-lhe muito agradecido.

¹ Veja se a nossa publicação da Revista Pittoresca e Descriptiva de Portugal com vistas photographias, Lisboa, 1862.

ção muito elevada na corte que não se pode bem precisar pela Inscrição que o chama Mishné Lamelej phrase empregada em Hebraico indistinctamente por Vice-Rey, Director de Finanças, ou Intendente Geral do Reyno.

O 8.º verso trata do Director da Obra Don Jehosef Beu Argé ou José de Leão, a este verso parece dever-se seguir outros que devessem completar a informação que necessariamente estariam em outra pedra.

É quanto posso sugerir sobre este assumpto, sentindo que a minha humilde erudição não me permita melhor satisfazer a V. S.^a de quem sou com toda a consideração

Muito att.^o Ven.^{or} e Criado

JOSHUA E. LEVY.

Esta lapida tem 1^m,54 de comprido por 0^m,63 de largo e 0^m,18 de grossura. O seu peso é de 400 kilogrammas.

Ha tambem outra lapida com inscripção hebraica, que foi achada em Lisboa no sitio da Conceição Velha, onde houve antigamente uma synagoga.¹ Apareceu n'uma excavação que se fez para alicerce de uma casa depois do terremoto de 1755. Foi adquirida por D. Fr. Manuel do Cenaculo, que a mandou conduzir de Beja para Evora.

Dorabino Isaac Ben Assaiag deu em 1823 a seguinte traducção:

Esta é a porta do Senhor, pela qual os justos devem entrar.

Venham ás suas portas com sacrificio de Todá as suas côrtes para o louvar e corram á Casa da Manifestação.

Tres vezes cada dia tragam ás suas portas sacrificios de Todá.

Tomae em vossas mãos toiros sem mancha e cantae ao sacrificio de Todá.

Fabrica boa e formosa que fabricou o nosso Rabbino, Senhor Judá, filho de nosso Rabbino, Senhor Guedalia dos principaes Senhores que dirigem a nação.

Para nome do Senhor levantou e fabricou esta obra desejada.

Acabou o nosso Rabbino a obra do nosso Deus, o qual só é nossa fortaleza.

E foi acabada esta obra na era de 3000 da criação do mundo.

Deus que fez o coração do nosso Rabbino para aformosear e levantar a casa do nosso Deus e sua morada: Elle mandou ajuntar seu povo na Casa do Sanctuario e nos encaminhe com nossos filhos e nossos netos.

¹ Veja-se o relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo, pelo distincto archeologo o sr. Dr. Augusto Philippe Simões, Evora, 1869.

Bem abençoado homem que obedece a estar fixo ás minhas portas todos os dias e guarda as hombreiras das minhas portas.

Esta lapida de marmore rosado sacharos de muito brando, tem de comprimento 0^m,985. Está presentemente depositada no museu de Evora.

Ha até ao presente estas duas inscripções hebraicas, que tenham sido descobertas em Portugal, e portanto muito maior importancia tem a sua conservação.

Architecto — J. DA SILVA.

CHRONICA

— O nosso collega o sr. Lucas José dos Santos Pereira foi agraciado com o grão de cavalleiro da ordem de San-Thiago, *de merito scientifico, litterario e artistico*, recompensa merecida pelos seus longos serviços, e principalmente pela maneira habil e conscienciosa com que tem restaurado o monumento da Batalha, empregando todo o esmero em não alterar o estylo em os novos trabalhos que executou, mostrando n'este proposito o seu atilado gosto, e o quanto sabe avaliar a architectura das outras eras. O primeiro merito na restauração de um monumento é a conservação escrupulosa do seu estylo, e não desfigural-o com enxe-tos, que lhe destroem a feição e não acreditam a pericia do architecto. Receba, pois, o habil confrade as nossas sinceras felicitações, porque quando os artistas recebem distincções devidas ao seu reconhecido merecimento, não é só honroso para elle: é tambem para a classe como o tributo alcançado pela consideração publica.

* *

— Já regressou á Europa o nosso distincto confrade Mr. Wood, depois de estar onze annos dedicado em descobrir o templo de Epheso, e ter tido a ventura de conseguir o seu difficil e laborioso empenho, o qual foi coroado do melhor exito, quando menos se esperava. Este intelligente architecto prestou um importante serviço á archeologia, e não menos relevante á nossa arte, fazendo conhecida uma das maravilhas do mundo antigo, pois em remota época já assombrou pela magestade tão grandioso e celebre monumento; ainda hoje os seus collossaes fragmentos causam a maior admiração dos artistas, e confirmam a fama d'aquelle soberbo templo.

Na sessão do dia 19 de fevereiro proximo passado no *Real Instituto dos Architectos Britannicos*, Mr. Wood fez o relatorio dos seus trabalhos, e deu conta

de importantes descobrimentos nas suas bem dirigidas investigações da Syria, o que lhe valeu os louvores do Instituto.

— Tem apparecido em differentes jornaes estrangeiros a apreciação do formoso theatro da Grande Opera de Pariz; e para que se possa fazer idéa da sua extraordinaria grandeza, daremos algumas informações para se avaliar as gigantescas proporções d'este moderno edificio.

Calcula-se em 1.200:000 o numero de dias empregados pelos operarios dos diversos officios que trabalharam n'essa collossal construcção, que mede 172^m,72 de comprido por 124^m,80 de largo, e de altura, desde os alicerces até ao remate da lyra de Apollo, é de 79 metros.

O grupo de bronze d'Apollo pesa 13:000 kilogrammas. As cordas para o machinismo têm 186:800 metros (quasi 38 leguas!) O pezo total do ferro n'elle empregado é de 850:000 kilogrammas.

Compõe-se a illuminação de 9:000 bicos para gaz; o lustre tem 957 bicos.

Ha 166 camarins para os cantores; 168 para as dançarinas, e 210 para os figurantes.

Os caboucos foram cheios com 18:000 metros cubicos de cantaria; 3:000 metros cubicos de cal; 8:000 metros cubicos de areia; e um milhão de kilos de cimento!

Para levantar o edificio foi necessario 800:000 metros cubicos de cantaria; 200:000 metros cubicos de gesso; 5.000:000 de tijolos e 350:000 kilos de chumbo!

As pinturas occupam uma superficie de 427 metros.

— Publicou o jornal inglez dos architectos, que das pedreiras de Portugal se extrahiam no anno 30:000 metros cubicos na importancia de 80:000 libras estrelinas; accrescentando que a maior parte é explorada por uma companhia ingleza para mandar para o Brazil e Inglaterra o producto d'esta exploração.

Vae crear-se em Sèvres (França) uma escola para trabalhos de mosaico, a exemplo d'aquella que ha em Roma, para dotar a architectura com este vantajoso auxilio para as decorações dos edificios.

— O governo da Russia abriu concurso para a construcção de um museu nacional em S. Petersburgo. Os architectos de todos os paizes poderão tomar parte n'este certamen.

Em Venezuela vão collocar a estatua do presidente da republica na grande praça de *Caracas*, mas a cabeça será de *parafuzar*, para poder servir o corpo para os presidentes futuros, mudando-lhe a cabeça do seu antecessor; é commodo, porém será pouco duradoura a memoria da pessoa que recebeu tão grande distincção.

Parece ser uma imitação do que se praticára no Forum em Roma, onde a mesma estatua servia para representar todos os imperadores, mudando-lhe unicamente a cabeça.

Em Londres vae-se construir um grande theatro de Opera sobre o caes *Victoria*. Será o primeiro theatro n'aquella capital que ficará isolado das habitações. Pela primeira vez haverá theatro aberto todo o anno para as representações da opera italiana durante o verão, e de comedias inglezas na estação do inverno.

Foi encarregado de executar a estatua em Caen (França), para o celebre archeologo Mr. Arcis de Caumont, o distincto escultor Mr. Leharivel Durocher. Será o primeiro archeologo, que em sua memoria receba tão honroso testemunho publico.

O sr. Luiz Power, vice-consul da Russia em Gibraltar, descobriu em Marrocos, no lugar de Mazagan, no qual os portuguezes n'outro tempo edificaram um forte, que tinha sido abandonado em 1769, um brazão que estava enterrado, conhecendo-se pelos castellos ser do tempo d'El-Rei D. Manuel, por ter sete castellos e a coroa aberta conforme havia adoptado aquelle soberano no ultimo tempo do seu reinado.

Este brasão está actualmente no museu d'archeologia do Carmo, tendo sido offerecido pelo sr. Power; havendo-nos penhorado sobre maneira proceder tão delicado, assim como qual é a illustração d'este cavalheiro.

Pela iniciativa da rainha de Inglaterra foi estipulada uma pensão annual de 200 libras ao nosso socio correspondente o architecto Mr. Wood, em remuneração do seu importante descobrimento do templo de Epheso. É honroso ser artista nos paizes onde as bellas artes são consideradas como gráu de superior civilização; e em a nação ingleza que occupa o primeiro lugar na escala social, é a propria Soberana quem premeia o merito, e ennobrece o talento.

J. DA SILVA.